



# TRIBUNA Livre

9  
FEVEREIRO  
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITA: PAULO BARROSA DE MAGEIRO

EDITA: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

EDITA: JOÃO BARROSA DE MAGEIRO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARROSA DE MAGEIRO

Imprensa: Imprensa e Rotogravura LARGO DN. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 5143 - AMARES

## Os Ditadores Militantes

Quem fixar um pouco a atenção nas viragens bruscas, no trepidante e sensacional desenrolar dos acontecimentos internacionais dos últimos tempos, não poderá deixar de notar que o mundo se acha dividido em duas fortes correntes políticas, antagônicas, perigosas, dominada uma pela violência sem limites, e outra, possivelmente, por excessiva tolerância.

Parece-nos que a democratização foi levada pelo ocidente a um extremo perigo-

síssimo, que permitiu ao totalitarismo alastrar as suas ambições, cada vez maiores, com todo o seu cortejo de desmandos, o que está provocando, sem dúvida, um desequilíbrio tão acentuado, que dificilmente, senão impossível, poderá ser dominado a «frio».

Quando, como na época que atravessamos, à generosidade e ao bom senso, se responde com redobrada exigência e com a mais sônica arrogância, pondo em jogo, numa autêntica temeridade de gen-

te louca, todos os valores de uma civilização, temos de concluir que não é possível continuar a lançar amendoas a quem arremessa pedras.

Ser generoso é para cada um dos «oráculos da força» mostrar medo, pelo que se nos afigura processo demasiadamente democrático para os convencer.

Contudo, a generosa América, num supremo gesto para salvar a paz, permite ao seu Grande Presidente, levar a efeito a sua atitude democrática de dar de comer a quem tem fome, num vasto plano de auxílio ao Próximo e Médio-Oriente. As desgraçadas populações desta nevrálgica parte do mundo muito terão a beneficiar com a generosidade americana em todos os domínios, pois este plano, estamos disso sinceramente convencidos pelas provas já dadas pela Nobre Nação Americana, visa exclusivamente a manutenção da paz e do bem estar das populações, pondo desta

(Continua na 4.ª página)

## IMBECIS

Na comissão de Curadoria da Assembleia Geral das Nações Unidas foi apresentado um projecto de moção pelo Ceilão, Grécia, Libéria, Nepal e Síria em que se pedia para serem aplicadas ao nosso país as clausulas das Nações Unidas sobre territórios não autónomos.

Desconhecendo que Portugal e suas províncias ultramarinas foram um Estado Unitário em que todos os cidadãos, seja qual for a sua naturalidade, têm os mesmos direitos e obrigações, os delegados daqueles países glosaram mais uma vez o estafado «slogan» do colonialismo, sem se preocuparem em saber que a nossa administração ultramarina permite às diferentes províncias um governo com administração autónoma.

A voz dos mal informados interpelantes veio juntar-se, como não podia deixar de ser, à do representante da União Indiana.

A voz do nosso representante veio juntar-se, por força

do sangue e da consciência à do representante brasileiro dr. Donatello Grieco, que proferiu um discurso sensacional que mereceu os maiores agradecimentos do mundo português.

Entre outras coisas disse:

«A resposta, senhor presidente, é uma única. É que, em todos os tempos, desde que Portugal, iniciada a prodigiosa arrancada das caravelas de Sagres por todos os mares, deu ao Mundo novos mundos, «e se mais mundo houvera lá chegara».

(Continua na 4.ª página)

### Mensário das Casas do Povo

Este número do *Mensário das Casas do Povo*, que continuamos a receber pontualmente, contém a habitual colaboração de interesse para os organismos corporativos a que se destina. Este fascículo é porém, valorizado com o texto da proposta de lei sobre Federações das Casas do Povo, com um estudo de Luis Chaves sobre "A história e a etnografia do fuso", e com um desenho de Raquel Roque Gameiro.

O *Mensário das Casas do Povo* é uma revista cultural que recomendamos especialmente para a formação nacionalista de todos os portugueses.

Agradecemos e arquivamos os exemplares recebidos.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Diogo Mendes de Vasconcelos vai com uma esquadra à Índia, onde presta relevantes serviços.

Na cidade de Goa, salva, no meio da mais forte refrega, muitos de seus companheiros de armas, rompendo com sua gente pelas ruas da cidade, matando e ferindo, até chegar junto dos portugueses que estavam cercados de todos os lados.

Foi capitão desta cidade; repeliu as forças do arraial de Benastarim; houve-se como um verdadeiro herói na tomada da fortaleza de Pangim; e nestas guerras do cerco de Goa, foi Diogo Mendes de Vasconcelos, de entre todos os cavaleiros, um dos que mais mereceu a palma da vitória, apesar de Afonso de Albuquerque o ter deixado preso em Goa por lhe não dar a glória da guerra que ia fazer a Malaca por mandado de el-rei, são palavras de Damião de Góis.

Desbarata pouco depois, em batalha naval, a esquadra do rei de Bintam.

Foi, quando soube que para substituí-lo no governo da Índia vinha Lopo Soares e de posse para Cochim Diogo Mendes de Vasconcelos, que Albuquerque exclamou:

— «Certamente, grandes são os meus pecados.....»  
Também o preclaro arcebispo Diogo de Sousa de Vasconcelos, filho de João Rodrigues de Vasconcelos, já referido.

Deixando a carreira das armas, seguiu a eclesiástica, estudando em Évora, Salamanca e Paris.

Primeiro foi bispo do Porto, onde desenvolveu grande actividade; depois arcebispo de Braga, de que se considera como que «reedificador».

Tomou parte numa embaixada de D. João II a Roma, em 1493.

Mandou edificar o hospital de S. Marcos e deu-lhe estatutos e meios; criou a mesma Misericórdia, prosseguimento da instituição que a rainha D. Leonor, viúva de D. João II, havia pouco que fundara.

Foi o autor dos túmulos dos condes de Portucale, existentes na Sé.

Gomes da Silva de Vasconcelos, sendo capitão de Ceuta, sabedor da aproximação dos corsários de Tetuão, manda contra eles seus próprios filhos, Miguel e André de Vasconcelos, que, à frente de sua gente de armas, destroça-

(Continua na 6.ª página)

## Factos e Comentários

Vem aí a Rainha! Seja bem-vinda a Rainha!!!

Foi recebida com universal satisfação, a noticia de que Sua Majestade Graciosa, a Rainha Isabel da Grã-Bretanha resolvera visitar Portugal, no corrente mês. A soberana da nossa mais antiga aliada visita-nos. Quanto não significa para nós, portugueses, esta visita?

Foi em 1373 que os embaixadores de El-Rei D. Fernando concluíram, definitivamente, a aliança. Começou-se em 1353, com um tratado de comércio. Na Grã-Bretanha, reinava, então, Eduardo III. Portugal, D. Afonso IV, coberto de glória na batalha do Salado. Para fortalecê-la, outro tratado, em Janeiro de em 1642, se junta a que está ligado o casamento da Infanta Dona Catarina, filha de D.

João IV, com Carlos II de Inglaterra. Pena foi que a implantação da República tivesse impedido, durante mais de

(Continua na 4.ª página)

## Realiza-se, amanhã, a tradicional Feira Franca e Concurso Pecuário de gado bovino, suíno e cavalor

Organizada pelo Grémio da Lavoura de Amares em colaboração com a Câmara Municipal, organiza-se amanhã, no Largo D. Gualdim Pais, a tradicional Feira Franca e Concurso Pecuário.

São em número de 54 os prémios e haverá sorteio entre as chamadeiras de gado que se apresentarem em traje regional aprovado pelo Grémio, sendo um de 100\$00 e 12 de 20\$00.

Os prémios são os seguintes:

**Gado de talho—BOIS DE MAIOR PESO VIVO.**  
1.º Prémio . . . 300\$00  
2.º » » . . . 200\$00

3.º » » . . . 100\$00  
3 sorteios de 20\$00 cada um (para gados).  
3 sorteios de 20\$00 cada um para chamadeiras.

**Bois de trabalho—N.º 7 DO REGULAMENTO.**

1.º prémio . . . 200\$00  
2.º prémio . . . 100\$00  
3.º prémio . . . 50\$00  
3 prémios de 20\$00 cada um (para gado).  
3 prémios de 20\$00 cada um (para chamadeiras).

**Vacas de trabalho.**  
A melhor junta. . . 150\$00  
2.º prémio . . . 100\$00  
3 sorteios de 20\$00 cada um (para gado)

(Continua na 3.ª página)

O nosso jornal, ao Domingo, é vendido na Penção Central a 'Petisqueira.



# TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

## Editorial

### BOM CINEMA AMERICANO

Eu digo já do valor e da beleza da película americana MARTY. Mas deixem-me, primeiramente, fazer uma saudação ao cinema *made in Hollywood* destes últimos períodos; não podemos ser pessimistas nas observações à cinematografia americana. Já numa ocasião lhe estrangalhámos a carcaça, e lamentamos que assim tenhamos procedido, pois que a América sempre nos deu bom cinema. Mas nisto como em tudo nós temos a tendência de só criticar do mau numa atitude extremista. Apontamos o mau cinema de Hollywood, e injustamente mantemo-nos silenciosos perante as boas películas que sempre, também, nos deu. Não está certo. O cinema italiano também tem maus e péssimos filmes, mas criou-se o hábito, vulgarizando o pensamento, de que o mau dessa cinematografia é pura consequência duma superabundância de obras perfeitas.

E, por isso, o cinema italiano é somente bom... Quando se fala em mau cinema pensa-se logo no americano. Não está certo, repetimos. Má crítica? Apologia do mau? Cretinice vulgarizada? De tudo um pouco, talvez.

Sejamos justos. Apontemos, também, os bons filmes americanos, filmes do passado e do presente, se por acaso em arte as obras primas possam ser catalogadas dentro dum factor tempo. Discutamos sobre o bom cinema americano.

A história que o filme *Marty* nos conta é simples e bela, tão simples e bela que, perante nossos olhos, chegado o fim da película, fica-nos na alma a magia dum sonho de fantásticas proporções de encantamento. E quase pretendemos exigir que o sonho continuasse.

A poesia—uma das mais altas qualidades deste bellissimo trabalho de Delbert Mann—é toda ela a consequência duma transfiguração realista dum problema tomado sinceramente pela sua base, que Paddy Chayefsky escreveu para enaltecer o conteúdo divino que tremula incerto e desvairado no barro humano que alimenta a engranação das nossas sociedades. Paddy escreveu e atacou, assim de chofre; naturalmente conversando com os homens, um problema tocante de beleza e humanidade: a existência humilde—mas existência—dum tipo bastante comum da nossa época, o qual se diferencia, no trilho da realidade, na medida em que compreende que há *algo de bom em si*. Apologia da semelhança do homem com Deus! E daí em diante o homem modifica a sua história o seu destino. Não foi Pascal que disse que o homem é um animal religioso? O homem é sobretudo um animal que ama—mas o único que pode pensar e dizer sobre o Amor. A película, sendo uma narrativa do homem enfrentando a colectividade, é uma mensagem de amor, melhor: uma transformação de Amor.

Socialmente, *Marty* pretende ser uma obra de observação. Enfrenta-se o tema individuo-sociedade.

Interessante o manejo das imagens e o diálogo, pelo que a película traz à superfície os factos mais elementares à constituição dum processo contra a dor e soledade do homem dominado e diminuído por uma colectividade unilingue de amoralidade e desgaste dos valores humanos. Interessante pela simplicidade e aspecto figurativo de consagração da existência humana. Surgem muitos factores importantíssimos, mas o que está em causa nesta história entestada pelo açougueiro *Marty*, na beleza ridente deste filme são, não é o homem sexual de Freud ou o económico de Marx ou ainda o elemento tirânico e corruptor que nos permite ver: hoje, na existência da nossa geração e no conflito entre individuo e sociedade, a desordem como ordem é a ordem como excepção, segundo a análise demopsicóloga de Thibon; o que está em causa, na limpidez das imagens gritantes de ternura e encanto, é uma denuncia contra uma sociedade onde os homens se estrangulam na mais plangente soledade, no mais terrível abandono.

Por que não te casas, *Marty*?—pergunta a sociedade lembrando ao homem um dos seus mais elementares e naturais direitos. Mas a verdade é que essa mesma sociedade lhe nega ou dificulta as possibilidades para tal.

No mundo de hoje tudo parece ser feliz e define-se a filosofia barata de que ao homem nada falta. Há uma superabundância de tudo; mas o homem está cada vez mais abandonado num mundo enorme que lhe diminui, cada vez mais também, o significado de vida.

Resta ao homem saber, por sua própria vontade ou inspiração divina, que há algo de bom em si, e que esse

## 4 Noticias

Spencer Tracy, que é o principal protagonista do filme da *Paramount* «A Maldição Da Montanha» (*The Mountain*), obteve o papel de alpinista, escalador de montanhas, a pedido seu. Foi Spencer quem primeiro leu a novela de Henry Troyat e sugeriu que fosse adaptada para o cinema.

Depois de AS CHUVAS DE RANCHIPUR, a *Fox* escolheu outro livro de Louis Bromfield intitulado «EARLY AUTUMN» para uma produção de Benedict Bogeaus, e Alan Dwann a dirigir, o que se chamará «CONQUEST». Ray Milland, Anthony Quinn e Debra Paget serão os intérpretes.

Na mais recente comédia da *Paramount*, «O Bobo Da Corte» (*The Court Jester*), Danny Kaye utiliza todas as habilidades que tem adquirido nos seus vinte anos como actor. Segundo ele, esse é o seu melhor filme.

Fred Zinneman que ganhou um «OSCAR» pelo seu filme «FROM HERE TO ETERNITY» vai dirigir o filme da *Fox* «A HATFUL OF RAIN» (ABNEGAÇÃO DE MULHER).

### Os filhos de Bob Hope esqueceram-se dum pormenor!..

Bob Hope não sabia o que estava fazendo quando, por simples graça, deu a seu filho Kelly, que conta nove anos de idade, um papel no seu mais recente filme *Paramount* «That Certain Feeling»—ainda sem título seleccionado em português, no qual veremos também Eva Marie Saint e George Sanders.

Uma semana depois, para manter a paz no seio da família, Bob foi forçado a dar à sua garota mais nova, que se chama Nora, outro papel no filme.

Agora vejam o resultado. Não só sua filha mais velha, Linda, que conta dezasseis anos, com o Tony, um homenzinho de quinze, estão igualmente nessa hilariante comédia.

«Teve que ser», explicou Bob. «Andavam olhando-me com tanta raiva naquela casa que tive que ceder a um per um para restabelecer a harmonia»

Linda e Tony serão vistos

algo de bom existe também num segundo ser, num segundo corpo, numa segunda alma, bom que ultrapassa todas as constantes físicas, que não é felicidade, (ou pelo menos a sua procura) mas vida ordenada e com significado?

*Marty* não nos respondeu. Apenas nos deliciou com a humanidade e ternura, a beleza da sua história.

## Morreu o actor Humphrey Bogart

Não podemos deixar de arquivar nas nossas colunas o acontecimento mais triste que ocorreu no passado mês de Janeiro: a morte do famoso e excelente actor Humphrey Bogart, de quem ainda há bem pouco tempo vimos *Horas de Desespero*, *Tesouro de África* e *Queda dum Corpo*, sua última interpretação para o cinema.

Natural de Nova York, o conhecido e saudoso intérprete de tão notáveis qualidades, sucumbiu a uma doença cancerosa, que há muito tempo o atormentava.

Nasceu naquela cidade americana em 25 de Dezembro de 1900. Contava 56 anos, trabalhando no cinema desde 1930. Curvou os Estudos na Escola de Andover, mas a primeira guerra mundial interrompeu os sonhos que então se preparava para realizar. Alisou-se na armada e combateu

### James Cagney e Gary Cooper em duas grandes produções da Metro

JAMES CAGNEY e BARBARA STANWYCK são os protagonistas de «THESE WILDER YEARS» uma nova película da M-G-M em Metroscope. Trata-se de um drama social à roda de um conflito entre um milionário despota e uma mulher que tem dedicado a sua vida a zelar pelos orfãos de uma instituição caritativa, onde é directora.

Argumento escrito por FRANK Fenton inspirado numa história de RALPH W heelwright. Roy Rowland realizou. Jules Schermer produziu.

A produção de William Wyler-FRIENDLY PERSUASION—com Gary Cooper e Dorothy McGuire nos principais papéis, foi recebida pelos críticos americanos com grande entusiasmo. O NEW YORK TIMES classificou-a como «das mais atractivas» o popular DAILY NEWS galardoou-a com 4 estrelas a sua mais alta classificação. O NEW YORK POST, classificou-a como-excelente-filmada em COR DE LUXE e baseada na popular novela de Gessamyn West, é distribuída pela M-G-M.

enchendo envelopes em uma cena com Bob e Jerry, Mathers, um garoto de sete anos que é engraçadíssimo, e Nora poderá ser identificada na sequência do carrousel.

Pelo menos esse gosto Bob não lhes deu: eles nunca trabalham juntos na mesma cena.

na Europa, bastante novo, como se vê, viu-se envolvido objectivamente nos grandes dramas da história da humanidade.



Aos dezanove anos, finda a Grande Guerra, decide-se pela vida artística e entra para o Teatro, onde se aureolou de triunfos mercê da sua notável criação em *Floresta Petrificada* que, mais tarde, em 1936, voltaria a interpretar para o cinema.

Durante alguns anos, o seu trabalho no cinema não foi de molde a que os directores o tornassem a sério, estando, por isso, muito tempo sem protagonizar um filme em primeiro plano. Só em 1943, com «*Casablaca*», ao lado de Ingrid Bergman, é que define absolutamente a sua personalidade e se impõe aos mais exigentes realizadores. Surgem então *Passagem para Marselha*, *Sahara*, *Conflict*, *Senda Tenebrosa*, *Tesouro da Serra Madre*, *Tokio Joe*, *The enforcer*, *Rainha Africana*, *Revoltados do Caine*, etc., etc.

Culto e inteligente, Humphrey Bogart era um dos melhores intérpretes do Cinema.

Em 1951 foi-lhe atribuído o *Oscar* da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas da América, pela sua inolvidável interpretação em *Rainha Africana*, de John Huston.

Divorciado de Mayo Methot, casou em 1945 com Lauren Bacall, que com ele trabalhou em diversos filmes, como *To have and have not* e *Senda Tenebrosa*.

Na nossa próxima página publicaremos um estudo sobre Humphrey Bogart, dando à estampa a relação integral dos filmes que interpretou.

Morreu um grande artista que foi sobretudo um homem que venceu por mérito próprio, e em cujo rosto a humanidade parece ter retratado todo o drama duma vida que o cinema jamais nos revelou.

O público português gostava de ver Humphrey Bogart trabalhar, tendo por ele grande admiração.

Joaquim Monteiro (Jorge)



# TRIBUNA do CONCELHO

## Patronato de Santa Filomena

O nosso bondoso Arcipreste de Amares, embora recolhido na sua residência, mas pensando no bem espiritual e mesmo temporal do povo de Amares que ama e estremece até ao último momento da sua vida sacerdotal e apostólica, fez-se reunir de uma comissão de pessoas de bem, e que tratou do magno problema da criação de um patronato na nossa Terra e que atendessem às necessidades mais urgentes do nosso povo. A comissão

que a seu tempo será oportunamente manifesta ao público, resolveu angariar donativos e subscritores mensais e anuais para essa grandiosa obra social, e organizou-se a presente circular que vai ser dirigida aos nossos zelosos párocos do concelho de Amares e aos proprietários que a Divina providência bafejou com alguns bens de fortuna, capazes de todos unidos, levar a cabo esta de interesse nacional.

Ex. mo Snr.

Os nossos respeitosos cumprimentos

Ao observarmos o panorama confrangedor de vermos tantas criancinhas a tiritar de fome e de frio abandonadas física e moralmente do ambiente familiar dos seus progenitores e ao mesmo tempo vermos tantos velhinhos e velhinhas na maior das misérias, sem ter ninguém que olhe por essas criaturas, entregues a si mesmas, aparecendo mortas nas enxovias, carecendo a nossa terra de uma instituição social, de uma flagrante e urgente necessidade, vimos lembrar a V. Ex.ª a criação de um patronato sob a protecção de Santa Filomena que unido à obra providencial da Sopados Pobres, já aqui existente, possa albergar essas pessoas desprotegidas da sorte, e assim melhorar o nosso meio social. Lembramos o nome de V. Ex.ª para auxiliar esta obra, subscrevendo-se, com a quantia, segundo as suas posses, certos de que, como auxílio material e moral de todos, o novo patronato, há-de ser, em breve, uma verdade consoladora.

Deus guarde V. Ex.ª e Ex.ma Família

Ferreiros—Amares, Janeiro de 1957

O Arcipreste,

Padre José Joaquim da Costa Azevedo

## Posse da nova direcção da Associação dos Bombeiros V. de Amares

No pretérito domingo, na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários, tomaram posse os novos corpos directivos daquela Associação, cuja composição já anunciamos no último número.

A posse foi conferida pelo senhor Dr. Arantes Rodrigues que no final saudou os novos empossados oferecendo à direcção toda a sua colaboração.

Agradeceu o sr. Paulo Barbosa de Macedo, presidente da direcção, as palavras que lhe foram dirigidas e aos seus colegas.

A direcção reuniu em seguida tomando conhecimento da vida da Instituição.

## Tribunal Colectivo dos Géneros alimentícios

Segundo a proposta da Câmara Corporativa, vai ser extinto o Tribunal Colectivo dos Géneros Alimentícios. As suas atribuições passam para os Tribunais comuns.

## Lago

Certo cavalheiro daqui, possuidor de carta de condução ligeiro, precisando de carta de pesado, para a sua vida profissional, tem feito diligências para tal, sem o poder conseguir.

Por quê? Porque alguém que ignóvilmente se mantém no anonimato, tem escrito à Direcção Geral fazendo acusações.

Muito vil, muito garoto e muito desprezível é quem assim procede. Quem escreve uma carta anónima (embora assinada com nome suposto, caso presente) é um ente indigno, nojento.

Descobre a cara, maroto. Vê que estás a prejudicar um chefe de família que precisa de trabalhar, que quer trabalhar para adquirir o pão nosso de cada dia para si e para os seus. Que religião tens? És católico? Não. Não deves ser. Tu não tens religião nenhuma. És um pulha. J. P.

## Feira Franca em Amares

(Continuação da 1.ª página)

2 sorteios de 20\$00 cada um (para chamadeiras).

Vacas Leiteiras HOLANDE-SAS OU TURINAS.

1.º prémio . . . 150\$00

2.º prémio . . . 100\$00

## As Festas a Santo António

terão este ano imponente excepcional

As tradicionais e muito conhecidas Festas a Santo António que tanto entusiasmo despertam no nosso meio, vão este ano desenrolar-se dentro de um programa brilhante que a comissão vem organizando com o maior cuidado e bom rumo, não se poupando em despesas.

Vai, finalmente, travar-se o concerto musical há muito ansiado pelos aficionados da grande arte de Beetowen que porá frente a frente a Banda Marcial de Vila Verde e a Banda da Polícia da Segurança Pública do Porto, dois dos maiores agrupamentos musicais do norte. Além destas Bandas a dos Bombeiros V. de Amares dará também o seu concurso ao grande certame.

Sobre o fogo e ornamentações não nos podemos pronunciar mas pode asseverar-se que, pelo menos, terão o brilho dos anos anteriores, o que já é muito, contudo a comissão espera melhorar ainda neste pormenor.

Pela primeira vez serão enquadradas nas festas algumas inaugurações que trarão ao nosso meio altas individualidades políticas e administrativas do distrito e, até, de Lisboa.

Pelo que fica exposto se conclui facilmente que as Festas deste ano serão ainda maiores do que as já muito grandes Festas dos anos anteriores.

## Sobre as instalações

Sonoras

Contávamos a não voltar a este triste assunto por vontade nossa e por nos ser pedido.

Soubemos, contudo, que a pessoa visada propalou ter enviado à redacção deste jornal uma carta para ser publicada, ao que nos negamos. Aqui, nada chegou e não acreditamos em extravio. Todavia, está sempre em tempo. Também numa referência à mesma notícia foi dito que nem tudo que ela diz é verdade. Trata-se de fiel descrição de documentos escritos pelo próprio e que todos podem conferir. Acrescentaremos que não referimos outros assuntos para não agravar as coisas mas sairão em «réprise» se continuarem a tentar enegrecer a verdade.

## Novos assinantes

Pelo sr. Padre Calisto Vieira, foi-nos indicado para novo assinante o Sr. Domingos José Gonçalves do Rio de Janeiro, Brasil.

Pelo nosso estimado assinante Sr. João Pedro da Silva Tinoco, também nos foi indicado o Sr. António dos Anjos da Cunha, 1.º Cabo da G.N.R., em Lisboa.

A ambos, sinceramente reconhecidos.

## Visado pela censura

# ALUGA-SE

Gasa acabada de construir. Bem situada, com 3 quartos, sala, cozinha e quintal.

Ver e tratar com António Cerqueira

Cabo

Proselo

Amares

## Vida elegante

### Aniversários

—No passado dia 4 o Snr. António Cerqueira.

Amanhã—A Snra. Adelina Soares dos Santos;

—Quarta-feira—A Snra. D. Eufrásia Gonçalves Taveira Macedo e D. Mavilde do Céu Arantes Menezes.

—Sexta-feira—A gentil menina Maria Caetana Azevedo de Sá Coutinho Russell.

### Gado cavalari — MACHO OU FEMEA

1.º prémio . . . 100\$00

2.º prémio . . . 50\$00

### Touros sem desfecho

À melhor junta . . . 100\$00

2.º prémio . . . 50\$00

2 sorteios de 20\$00 cada um (para gado)

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras.

### Touras sem desfecho

À melhor junta . . . 100\$00

2.º prémio . . . 50\$00

2 sorteios de 20\$00 cada um (para o gado)

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras.

### Touros a dois dentes

À melhor junta . . . 100\$00

2.º prémio . . . 50\$00

2 sorteios de 20\$00 cada um (para o gado)

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras.

### Touras a dois dentes

À melhor junta . . . 100\$00

2.º prémio . . . 50\$00

2 sorteios de 20\$00 cada um (para o gado)

1 sorteio de 20\$00 para as chamadeiras.

### Porcos de engorda — N.º 7 DO REGULAMENTO.

1.º prémio . . . 100\$00

2.º prémio . . . 50\$00

### Porcos de criação,

À de maior valor 50\$00

2.º prémio . . . 30\$00

Para inteira ilucidão consultem o regulamento à disposição de todos, no Grémio da Lavoura.

## Camara Municipal

DE

AMARES

## Convocação

Nos termos do Art. 29.º do Código Administrativo, convoco o Conselho Municipal para a sua primeira sessão ordinária do corrente ano, a qual se realizará, no dia 14 do corrente, pelas 14 horas, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho.

Amares, 6 de Fevereiro de 1957.

O Presidente da Câmara

a) Doutor Avelino Manuel da Silva.

## HUMORISMO

### No Confessionário

—Quantas são os inimigos da alma?

—No ano passado eram três.

—Hein?

—Sim, Senhor; eram três e hoje são quatro: mundo, diabo, carne... minha sogra.

### Resposta actualizada

Os alunos da 4.ª classe estão a ser chamados a História. A professora chama vários e todos mais ou menos respondem. Já ia dar por finda a aula quando se lembra de perguntar.

—Menino, digame: qual foi a última Rainha de Portugal? Resposta do aluno—Amália Rodrigues.

### Defenição da apendicite

Um doente bate à porta do cirurgião. Vem abrir, na ausência da criada, uma pequena filha do médico.

—O Senhor Doutor está?— pergunta o visitante.

—Não senhor, — respondeu a menina—o papá está hospital a fazer uma operação à apendicite.

—Sim senhor. A menina sabe muito, diz o cliente, a sorrir.—E então, sabe o que bem a ser uma apendicite?

A pequenita, cheia de importância, declara então:

—Espere aí um bocadinho que eu vou perguntar ao meu pai, mas parece-me que uma apendicite são dez contos...



# Os Ditadores Militantes

(Continuação da 1.ª página)

forma um dique ao alastramento do comunismo nesta posição chave do mundo.

Se bem compreendidas forem as coisas pelos dirigentes das nações responsáveis por estes miseráveis povos, muito melhor lhes seria seguir as forças do bem e usufruir uma paz baseada em salutar democratização, em lugar de se deixarem afundar no abismo, até hoje ainda indecifrável do comunismo, mas que pelas provas já dadas, especialmente nos últimos tempos, jamais realizará os fins para que foi criado pelas massas proletárias. O materialismo infrene das concepções que adoptou, autêntico camartelo demolidor do bem, não poderia implantar nas almas outra coisa diferente do mal, a irradiar pelo mundo o reflexo pestilante das suas doutrinas ateístas. Não sabemos a que pontos, a que extremos se poderá chegar quando se quebram todas as leis naturais da moral, pondo-se absolutamente de parte a ideia de Deus, num impenitente desafio como nunca foi visto.

Impedir este repugnante e enganoso processo de governar, substituindo-o pelo bem estar natural, dentro das leis imutáveis do amor fraterno, é o que pretende, afinal, o Presidente Eisenhower com o seu Plano de Auxílio ao Próximo e Médio-Oriente, frustrando a miséria, a doença e a fome, que o comunismo tem apenas sabido alastrar por toda a parte onde tem chegado.

Em lugar do ódio e escravidão comunistas, oferece-se o amor fraterno e a liberdade democráticas.

Saberão os dirigentes escolher? Poderá o povo pronunciar-se sobre a escolha?

Esta a grande questão da hora presente.

Infelizmente os povos ainda hoje acorrentados pelos ditadores, loucos de ambição, que infestam toda essa nevrálgica zona do mundo, desde o Próximo ao Extremo-Oriente, não têm vontade própria, porque têm de obedecer à dura lei do aço. Pode não haver pão, como realmente não há, mas não falta metralha para abafar a voz da razão, do direito, da consciência... o direito inalienável do voto.

Não há outra razão que não seja a força, outra voz que não seja a tirania, outros sentimentos que não sejam o ódio e a ambição.

Estes dirigentes tolhem com os seus excessos o verdadeiro progresso do mundo e privam não só os povos que lhe foram confiados, de muito bem estar, mas também uma boa maioria do mundo, que estão a arrastar para o abismo da guerra.

Diz-nos Eden, já depois de ter resignado do seu cargo de primeiro ministro: «o problema é o mesmo que defrontamos durante o período entre

1930 a 1945, ao tratarmos com um ditador militante».

E nós acrescentamos que o momento é mais difícil ainda do que nesse tempo, porque os ditadores militantes surgem profusamente no mundo de hoje, no mesmo desafio e sob a regência da Meca do Comunismo, como já chamam a Moscovo.

Quem diria, por exemplo, que o Senhor Neru levado pela ambição, transformasse, como num relâmpago, a sua apregoada democracia, numa das mais sínicas ditaduras militantes, despindo a pele de cordeiro que o acreditava ainda aos olhos do mundo, para invadir o Estado de Caxemira, com a mesma barbaridade que ele mesmo condenou na Hungria?

E apesar de ter soldados a manter a paz no Médio-Oriente como fazendo parte da Polícia Internacional, recusou já que tal polícia ocupasse Caxemira para facilitar a liberdade de voto, porque a considerava força estrangeira. Estamos certos de que, se não levar mais longe o nosso caso de Goa, também desacatará qualquer decisão do Tribunal Internacional que porven-

tura nos seja favorável no pleito que ali se debate.

É mesmo muito provável que este perigoso ditador responda a uma decisão destas com nova agressão, ou que não deixe mesmo decidir, resolvendo ele antecipadamente, a seu modo.

Que fazer a estes perigosos ditadores que infestam o mundo?

É necessário perder o medo!

Salazar disse na mensagem do último aniversário da Legião Portuguesa, com toda a sua clarividência e oportunidade:

«Di-ei francamente que tenho medo... do medo...»  
«...ter medo da vida e ter medo de bater-se para defender a dignidade dessa mesma vida são a maior causa do nosso abatimento e Deus queira a não sejam da nossa perdição, pois aqueles que se nos opõem, se mostram desprezo pela vida alheia, também estão decididos a jogar a sua. E daí concluo que nenhuma superioridade moral ou intelectual demoverá ou fará recuar os bárbaros do nosso tempo—tão sábios e tão «técnicos» como nós próprios—e que, se quisermos sobreviver, teremos de estar resolvidos a lutar».

EME

## IMBECIS

(Continuação da 1.ª página)

como disse o supremo género da língua,—é que, desde que Portugal levou com os Evangelhos, os seus princípios morais, políticos e sociais às terras que descobriu e civilizou, constituiu o território português, assim espalhado por todos os pontos da rosa dos ventos, um só todo cultural e psicológico, uma só unidade, se se puder dizer assim, singular e indivisível, que engloba solidariamente todas as províncias, as províncias do continente, as províncias insulares adjacentes, as províncias ultramarinas todas elas postas no mesmo nível de importância, de interdependência e de igualdade pelas sucessivas leis constitucionais de Portugal.»

Ao longo e notável discurso do representante brasileiro responderam os representantes da União Indiana e de Ceilão que não se encontravam satisfeitos, replicando aquele que para falar de Portugal é preciso ter largos conhecimentos de história e um apurado sentido de civilização.

É pena que nos areópagos do nosso tempo se permita o assento a indivíduos que capricham em buscar culpas em quem as não tem para que o mundo se esqueça do mal que atormenta as suas casas.

Ainda há dias a União Indiana anexou a Caxemira contra o parecer da

Onu; está provado que dentro das suas fronteiras o Nepal vive acorrentado e metade da sua população é constituída por autênticos párias excluídos da sociedade formada por uma pequena camada de eleitos.

A acrescentar à triste figura do representante do Ceilão o facto de se tratar de um senhor descendente de portugueses e que, ao menos por isso, devia ter um mínimo de conhecimentos históricos.

Temos na Assembleia Nacional deputados eleitos pelas possessões ultramarinas e nos tribunais magistrados natos desses territórios. Cá e lá cada um sobe pelos seus méritos e nunca pela sua cor ou sua raça.

Acusam-nos os próprios povos que descobrimos e que trouxemos para o convívio da civilização.

Melhor fôra aos seus representantes fazerem-se professores primários para diminuir aos 90% de analfabetos dos seus países ou, então, tentarem melhorar o nível de vida desses países que são os únicos ainda com párias.

Imbecilidades da natureza das que acabam de proferir não lhe trarão qualquer resultado e deixam perceber que são pouco esclarecidos sobre história; e, para falar sobre Portugal, como dizia o dr. Grieco, é preciso ter largos conhecimentos históricos.

## Factos e Comentários

(Continuação da 6.ª página)

meio século, que Portugal fosse visitado por algum soberano Britânico. Ficando sem retribuir as visitas oficiais de El-Rei D. Manuel II. A última visita de um soberano Britânico a Portugal foi a do bisavô da actual Rainha Isabel, o grande Rei que foi Eduardo VII, em 1903. Da Família Real Britânica, o Príncipe Jorge Alberto Frederico, depois Duque de Lorque e, mais tarde, pela abdicção de seu irmão o Rei Eduardo VIII, Soberano da Grã-Bretanha, com o nome de Jorge VII, visitou Lisboa, em 1920 (Novembro), mas sem carácter oficial. O Pai da actual Rainha era, então, oficial da Armada Real Britânica fazendo parte da guarda do «Temeraire» que havia fundeado no Tejo. Deu um passeio pela cidade, incógnito. Apreciou as suas belezas naturais, nada mais. Foi à embaixada do seu País... A visita da Rainha Isabel a Portugal terá repercussão no Mundo Ocidental. Os dois Verdadeiros e Leais amigos, como os jornais Londrinos referiram, a quando da visita à Inglaterra do General Craveiro Lopes, de novo se estreitam. Sua Majestade visita-nos.

Retribui a visita que lhe fez a seu convite, o Supremo Magistrado da Nação Portuguesa.

O Primeiro convite que ela fez a um Chefe de Estado estrangeiro para visitar a Inglaterra

Churchill, o homem das situações difíceis, soube agradecer a contribuição de Portugal para a Vitória final com a cedência da Base dos Açores. Que a Rainha parta com o coração preñado de saudade. Nós, num adeus sincero, desejamos que, mais uma vez volte. Será, sempre, recebida galarda, fidalga e patrioticamente.

Destá velha amizade e aliança mais não seria preciso para, que, ainda, indelévelmente perdurasse do que a «Inclita Geração» que tantas horas gloriosas deu à Pátria. Seja bemvinda a Rainha!!!

## Conhecem-no?!

### Acautelem-se...

(Continuação da 6.ª página)

trocós, causando-lhe um castigo, a reposição do perdido, a falta de pão para os filhos!

—Havia de comparecer também aquele que foi despedido por ladrão—só por ter guardado para merenda um rabo de bacalhau que deixara na refeição, e a quem o nosso «personagem» indicou como o grande e único larápio dos bacalhau e azeite que ele próprio levava para consumo ou negócio!

E sabemos lá até onde chegaria o cortejo de impropérios e o teor das ladainhas, se este «milagroso protector da humanidade» (sempre revestido com a capa de amigo sincero, quase beijando as suas vítimas) nos fosse apontado como um bom, um santo, um exemplo di-

gno de imitação?!

E contudo são aos milhares os neófitos deste baptismo.

Não será urgente ir mais longe?!—Então continuaremos no próximo número. Entretanto, os leitores «Conhecem-no?!—Acautelem-se...!!»

Fevereiro de 1957

B. Ribeiro

**Nota elucidativa** — Muita e muito boa gente, talvez por não estar preparada para esta forma de dosear doutrina, engendrou os mais disparatados propositos da nossa parte. Há engano puro. Aqui não se atinge directamente quem quer que seja, nem é esse o nosso propósito.

Trata-se apenas de castigar erros que geralmente se notam mundo em fora e para os quais há, infelizmente, muitas personagens. Parecia desnecessário tal esclarecimento, se não houvesse quem julgasse estar a servir de alvo, a doer-se... Não temos culpa de que isso aconteça.

Lamentamos e ficamos abismados com a descoberta.

De resto, creiam, há apenas o trabalho de imaginação adequado à melhor forma de fazer despertar o interesse por estes casos de todos os dias e de todas as classes. O que se escreve é para chegar até onde chega o jornal, e não para determinado sector.

Calma, portanto, e riem-se da figura que faziam se demonstrassem que viemos dizer em público aquilo que teriam feito em particular. Mas nada disso. Ou julgam também que sabemos quem roubou o bacalhau, o azeite, os trocos e tudo?!

B. Ribeiro

## SECRETARIA JUDICIAL

DE

### VILA VERDE

### Anúncio

Pelo Juízo de Direito desta comarca correm éditos trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, contestarem a acção sumária movida por João Peão Lopes, viúvo, ferroviário, morador na rua Justino Teixeira N.º 310, da cidade do Porto que pretende, além do mais, seja reconhecida a propriedade plena da herança deixada por o Doutor Álvaro Peão Lopes, morador que foi na cidade e comarca de Lisboa, de que o autor é cabeça de casal, sob pena de serem condenados definitivamente no pedido.

Vila Verde, 25 de Janeiro de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção

(a) António Monteiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito

(a) João Gonçalves Dias



# Tribuna Desportiva

## Campeonato de Futebol da F.N.A.T.

Referente à 6.ª jornada desta competição efectuaram-se, no passado domingo, os seguintes encontros:—Real-V. A. M. Tadm-Merelim- e Prado-Feira Nova.

Este último era esperado com grande ansiedade, devido ao valor das duas equipas.

O encontro não correspondeu à expectativa, verificando-se algumas cenas desagradáveis dentro do terreno e mesmo antes de entrar no mesmo.

O Feira Nova apresentou:—Silva; Almeida, Jaime e Macedo; Veloso e Ribeiro; Janela, Dourado, Luis, Peixoto e Candido.

Antes de principiar o desafio, foi guardado um minuto de silêncio, pelo falecimento do pai do guarda redes titular da Feira Nova, Herculano.

Os visitantes iniciaram o jogo com dez unidades, por que Ribeiro entrou só a 25 minutos de jogo, mantendo-se até aí o resultado em branco.

O juiz da partida consentiu que o jogo endurecesse e frequentemente viam-se entradas com violência e até agressões aos elementos da Feira Nova, dos quais Dourado era a principal vítima.

A exibição do guarda redes improvisado do Feira Nova, contribuiu um pouco para a falta de confiança dos defensores onde só Jaime enquanto pôde desbaratava como podia.

Notou-se ainda nos visitantes

a falta de garra do ataque que, não pode contar com Raúl.

Ao intervalo o Prado venceu por 3-1, com golos de Nuno, do extremo direito e do avançado centro para o Prado e de livre por Peixoto para o Feira Nova.

As jogadas com dureza continuavam e numa delas um avançado do Feira Nova agrediu um do Prado, depois deste ter uma das muitas entradas reprováveis, recebendo logo ordem de expulsão.

O árbitro sem autoridade suficiente, admitiu que visitantes e visitados se juntassem a discutir após a saída do jogador expulso, ordenando a um defesa do Feira Nova também a retirada do terreno.

Continuava o conflito e predominava a falta de talento do árbitro, vendo-se autoridades (G.N.R.) também dentro do terreno.

A Feira Nova abandonou o campo quando faltavam 25 minutos para terminar o prélio.

Em suma: um jogo sem história onde não há nomes a destacar, e que terminou num triste espectáculo devido à incompetência do juiz da partida e, com juizes de linha envolvidos em ignorância de conhecimentos, contribuíram para o desfecho antecipado dum desafio cheio de agressões e anti-desportista.

A. A.

## Soneto A ermida

Branca e triste capelinha  
No sopé do monte deitada  
Onde a aldeia ajoelhada  
Ao domingo a rezar vinha.

E vou partir! Que revolta  
Pelas quebradas... só ais...  
Quebradas que não vereis mais  
Até à volta! Até à volta!

E vou deixar-te, ermida  
Ditosa és tu, alva e querida  
Que ficas e vês partir...!

No dia em que morrer, nesse dia  
Quero que a minha ossada, já fria  
A'tua sombra vá dormir.

Manuel Bastos

Braga, Fevereiro de 1957

## Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos.  
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

## Assine e divulgue A "TRIBUNA LIVRE"

## Ares de Paradelado do Rio

(Continuação da 6.ª página)

de Trubia o nomearam seu Abade. Mais tarde, no reinado de D. Ramiro I, num Concílio, os Bispos congregados o elegeram Arcebispo de Braga.

O escrito latino de Gládila reza assim:—*«Praeteritis temporibus sub Principe Alphonso, electione fratrum, pactum regulae accessi roboraturus, una cum caeteris presbiteris et fratribus, qui me ibidem sibi eligerunt Abbatem, incommutabiliter ibidem mecum omnia mea tradita et subsequente Dominissimo Principe, me indignum ab hoc loco vestro abstractum, per sanctum concilium ad Pontificalem pervenire gradum, degens supra Bracharensem Sedem etc.»*...

Este é o primeiro princípio de que deitaríamos mão para refutar com Yepes a afirmação de que Gládila era agostiniano e não beneditino. E com esta as antecedentes.

E por hoje ficará aqui o pequeno estudo—resumo deste secular Mosteiro, perdido entre serranias, curvado à acção do tempo e à indiferença dos homens, e que bem poderia ter sido o Convento em que se passam grandes capítulos do inolvidável «Marcelino Pão e Vinho»!... A situação, vizinhança, etc., ainda o parecem...

(Continua)

Paradela do Rio, Fevereiro de 1957

B. Ribeiro

Folhetim da "Tribuna Livre,, 7

## SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Julgo que sim, a não ser que esteja comprometido com alguma cachopa e receio que ela o veja comigo—obtemporou-lhe a trocista pequena.

—Descanse que não tenho compromissos aqui na aldeia ou em qualquer outra parte.

—Vocês dizem sempre o mesmo... aprenderam todos na mesma cartilha!

—Vocês?!

—Não, sou eu!

Até logo...

E despediram-se, indo ambos para a igreja, um por cada porta.

O José assistiu à missa, mas não lhe prestou a menor atenção, pois o seu pensamento estava absorvido a repetir o diálogo que tivera com a linda Maria Teresa.

E de si para consigo:

Sábe-se lá o que poderá sair deste propositado e feliz encontro—arquitectado em Lisboa!

O abade disse a missa, relativamente depressa, mas o José não foi da mesma opinião, visto estar ansioso que ela acabasse e, por isso, parecia-lhe que nunca mais tinha fim...

Concluido o acto religioso, todos os fieis saíram e o José foi um dos primeiros indo para as escadas do adro, por onde a Maria Teresa havia de passar.

Logo que a pequena desceu os degraus, a caminho de casa, o José seguiu-a a pequena distância e, depois de passar a curva grande da estrada, estugou o passo e pôsse ao lado dela.

—Julguei que se tinha arrependido ou esquecido do que havia pedido, José?

—Que era...

—De me acompanhar.

—Não me esqueci e muito menos me arrependi, mas esperei que nos afastássemos um pouco da igreja.

—Para quê?

—Para não dar pasto às más linguas da terra...

—Dar pasto, porquê?!

—Se nos vissem sair juntos iam logo espalhar, por todos os lugares, da aldeia, que nós nos namorávamos?!

—Isso quer dizer que você não vem aqui muito seguro de si, pois naturalmente já anda a arrastar a asa a alguma moça...

—Juro-lhe que não!

—Não jure... porque quem muito jura... muito mente!

—Não é este o caso.

—Duvido!

—Mas posso provar-lho.

—Como?

—Antes de lhe responder, quero que me diga uma coisa.

—Que é...

—Se tem namoro.

—Não... agora!

—Quer que lhe confesse a verdade?

—Pois claro! A confissão deve ser sempre verdadeira—senão não tem valor.

—Que tenho pensado muito na menina Maria Teresa.

—Ai! sim!

E pode saber-se quais eram esses pensamentos?

—Pode e até desejo revelar-lhos.

—Sou toda ouvidos!

—E não se vai rir de mim?

—Que ideia... tão ratona!

—A avaliar pelo que tem sucedido aos outros, segundo me contou...

—Hoje o caso é diferente, muito diferente...

—Você é tão trocista que tenho receio de lhe dizer o que sinto por si.

—Nem parece um rapaz que esteve na tropa, entre as alfacinhas.

(Continua)



# MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

ram completamente o inimigo em renhido combate que se travou no dia 8 de Março de 1520.

*Alvaro Mendes de Vasconcelos* encontra-se no Brasil, como embaixador de D. João III (1531); pouco depois exerce as mesmas funções na corte de Carlos V.

Durante o primeiro cerco de Diu pelos Turcos, *Duarte Mendes, Francisco Mendes e António Mendes de Vasconcelos* praticam prodígios de valor em sucessivos combates, em que os actos de bravura atingem a epopeia, na defesa heróica do baluarte dos Rumes.

Aquí teve lugar o conhecido episódio de Fernão Penteado que recebendo golpes e indo curar-se, não tinha paciência para esperar a sua vez, voltando sempre a combater, até que recebeu uma ferida que o obrigou a recolher-se à ambulância.

António Mendes de Vasconcelos, ferido no rosto e na garganta, continuou a combater, até que recebeu um terceiro golpe que lhe varou o ombro esquerdo; poucos momentos durou com vida.

Em 1570, D. Sebastião manda *Luis Fernandes de Vasconcelos* com uma esquadra de sete naus substituir, no governo do Brasil, o brioso guerreiro Mem de Sá, fundador da cidade do Rio e irmão do grande reformador da poesia, o nosso Francisco de Sá de Miranda.

Seguiram nela os quarenta jesuítas sob a direcção do Padre Inácio de Azevedo, que Francisco de Borja nomeara Provincial para o Rio de Janeiro.

Assaltada pelos corsários, pouquíssimos escaparam; e, conforme refere o cronista Manuel de Menezes, foi tal a carnificina que, *"D. Luis Fernandes de Vasconcelos passado pelo peito com uma bala e tendo as pernas quebradas por outra, posto de joelhos, assistido só de cinco criados seus, pelejava com valor incrível... rodeado de corpos mortos, assim esteve brigando, até que o atravessaram com uma lança, e, caindo morreu com morte honrada e digna do seu grande valor e incontestável ânimo..."*

*António de Vasconcelos* foi, entre outros do mesmo título, na segunda jornada de África, de triste memória.

É deste tempo sua *Alteza Serenissima, Frei Luis Mendes de Vasconcelos*, 2.º Grã-Mestre português da Sagrada Religião de Malta (o 1.º Mestre português tinha sido D. Afonso de Portugal, filho de D. Afonso Henriques). Governou Angola.

Na sua biografia, traduzida do castelhano por Lopes Ferreira, o autor chama-lhe: «Glória e Luzeiro de Portugal—Honra e Sol de Malta—Crédito do Orbe—Raio de Turquia». Também deixou impresso: *"Do Sítio de Lisboa"*.

Já falecido o cardeal-rei D. Henrique, *João de Vasconcelos* é nomeado fronteiro da Beira, onde se queixa da falta de armas para a defesa da sua praça.

Perdida a causa do Prior do Crato, Filipe II, exclui na amnistia aos que contrariaram as suas pretensões, entre outros, o nome de *Manuel Mendes de Vasconcelos*.

No caminho de suas desventuras, o Prior do Crato teve por companheiro *Cipriano de Figueiredo de Vasconcelos*, que sustentou os Portugueses da Terceira contra os castelhanos.

Este bravo português ergueu-se à altura de campeão, de alma heróica, na luta de resistência nacional contra o usurpador.

Quando o inimigo desembarcou com uma esquadra na Terceira, o indomável patriota soltou contra os invasores manadas de vacas bravas, desbaratando por esta forma as tropas castelhanas.

Não lhe sendo possível prolongar mais o milagre da sua resistência, seguiu com o Prior do Crato e entrou ao serviço da França, onde assistiu à morte de D. António e veio a falecer.

\* \* \*

À data da Restauração, os de Vasconcelos, de sobejo afamados pela sua intrepidez e ousadia, estavam habilidosamente dispersos, afastados da sua pátria.

Alguns encontravam-se na corte de Madrid e militavam nas armadas espanholas, como *Francisco de Vasconcelos*, conde de Figueiró e o célebre marquês de Montebello, *Felix Machado da Silva Castro e Vasconcelos*, que manejava com a mesma perícia a pena e a espada.

Para recuperação da Baía, notabilizava-se pela sua extraordinária bravura na guerra contra os holandeses *João Mendes de Vasconcelos*.

Conhecida a feliz notícia da Restauração, partiu para o continente e seguiu para o Alentejo na qualidade de mestre de campo-general do conde de Obidos.

(continua no próximo número)

## Tribuna de Vila Verde

### Vida elegante

No Mosteiro de Nossa Senhora do Alívio da freguesia de Soutelo do Concelho de Vila Verde, realizou-se no passado sábado, 2 do corrente, o enlace matrimonial da prenda da menina Maria do Pilar Vilela Ribeiro Guimarães, filha do Senhor Dr. António Ribeiro Guimarães, sub-Delegado de Saúde deste concelho, e de sua esposa, Senhora D. Belmira Rodrigues Vilela, já falecida, com o Sr. Eng. João do Vale Peixoto, filho do grande industrial sr. António Peixoto (Pachancho) e de sua esposa snra. D. Rosa Peixoto, já falecida. Presidiu à cerimónia religiosa, que teve grande luzimento e de invulgar concórdia, o nosso presado amigo, rev. António Vilela de Sousa, pároco na freguesia da Lage, que à família inalteceu as altas qualidades cristãs dos noivos e lhes desejou um lar muito feliz.

Parafinaram o acto por parte da noiva, a sra. D. Dalila Vilela Guimarães, e o sr. Dr. António Ribeiro Guimarães; e por parte do noivo, a sra. D. Maria Feio Vale Peixoto e o sr. Zacarias Peixoto, sócio Gerente das Fábricas Pachancho e procurador à Câmara Corporativa.

Findo o acto religioso, realizou-se em seguida, na casa dos pais da noiva, um grandioso e succulento copo de água a que assistiram, os snrs. Dr. António dos Santos Ferreira, Presidente da Câmara de Vila Verde, e esposa; Dr. Anibal de Albuquerque, professor da Faculdade de Farmácia do Porto e esposa; Dr. Mário Machado de Sousa, médico no Porto, e esposa; Dr. Carlos de Magalhães, distinto causidico de Braga, e esposa; Dr. Teixeira Dias; Dr. Manuel Belo, operador cirúrgico, de Braga, e

esposa; Dr. Adolfo Correia Conservador do Registo Predial em Amarante, e esposa; Dr. João Ernesto Lima e esposa; Dr. Carlos da Silva Júnior; Manuel da Silva Pinto, Eng. Julio Barreto, José Marques Rodrigues, Luiz Bessa, industrial no Porto, e esposa; Paulo Ribeiro Guimarães, António Pinto, Albano Rito, Manuel Varanda, Narciso Ferreira, António Peixoto Júnior, Rui Peixoto Rito, António Jorge Feio Vale Peixoto, Carlos do Vale Peixoto, Dr. Alfredo Guimarães Albuquerque Engros, João Julio Vilela Araújo, Anibal Guimarães Bessa, Joaquim Pinto, Amandio de Melo, funcionário das Caixas de Previdência de Braga e gentil menina Ligia dos Santos Lago Professora Oficial e Barbudo.

Aos brindes foram posta em destaque as qualidades morais das duas distintas famílias que agora se unem, tendo desejado as maiores venturas.

Na «corbeille» da noiva viam-se as mais variadas prendas.

O almoço, primorosamente confeccionado, esteve a cargo da acreditada Pastelaria «Modelar», de Manuel Ferreira Cap, de Braga.

Tribuna de Vila Verde deseja aos noivos, que partiram em viagem de núpcias pelo nosso país e país vizinho, as maiores venturas e felicidades e auguramo-lhes um lar cheio de amor e um futuro cheio de prosperidades.

## Conhecem-no?! Acautelem-se...

Prossigamos, caros leitores, nesse exame de consciência que propõe esta Secção. Dele e com ele todos nós teremos algo a aproveitar.

O «personagem», cá está. Como sempre, andará no nosso meio. A ave de rapina não larga facilmente a presa. Ai anda ele, nos grandes e pequenos meios, nas diferentes camadas sociais, infiltrado em tudo quanto lhe sirva para encher as garraferinas.

É assim o vírus social dos nossos tempos, o triste sinal da existência.

Ele estará onde menos o julgáremos. Falará conosco quando o fazemos longe. Virá até nós arvorado em astuto detective... para no fim se demascarar em pérfido ladrão!

Reparem nisto:—Apresenta-se sempre como tãful, conversador, muito lhano, prene de bons conselhos, pingão de amizade por todos os poros!...

Tem muito de seu favor. Haveria até quem o guindasse à peanha dos altares, rodeado de velinhas, flores e tudo, se não exalasse um cheiro nauseabundo—o cheiro da hipocrisia, o aroma próprio de uma consciência tão negra que nem os maiores barreiros conseguiriam dar-lhe uma pinta de alvura!...

Mesmo que conseguisse o lugar no nicho, as suas vítimas em breve o estatelariam no chão.

—Lá estaria aquele miserável a quem ele encorajou para o jogo e orgia, ajudando a gastar numa noite o suor de uma semana de trabalho e o pão de uma semana de governo no lar!

—Não faltava por certo o po-

bre do cobrador a quem ele intencionalmente falsificou nos

(Continua na 4.ª página)

## ARES PARADELA DO RIO

### Do velho Mosteiro de Pitões—anterior a 889

Aquela «fornada» de Pitões com que os meus leitores foram mimoseados... precisa do vosso perdão. E igualmente carecem de indulgência essas «gralhas», essas almas penadas—esses espíritos malignos que vagueiam pela Imprensa, para gáudio dos derrotistas e para perdição dos gráficos e dos autores... E vamos à continuação.

Como deixei dito, o Mosteiro de Junhas (de Junhas, de Júnias, de Pitões, ou como lhe queiram chamar) é uma relíquia tão veneranda como beneditina.

Mas isso causou dúvidas e polémicas em tempos antigos. E ainda hoje existem «umas netinhas» dessas discórdias.

Com efeito, o Autor da *Crónica Agostiniana* quer que o Mosteiro de Junhas seja dos Padres Eremitas Agostinhos. Para esse Autor nenhum valimento teriam o «Tombo Eclesiástico de Braga» e o Breve de Inocência IV, os quais citamos anteriormente.

O citado Autor eremita nega que o Arcebispo de Braga, Gládila, fosse beneditino, pois «era religioso da Ordem Agostiniana».

Refutam esta afirmação o

indiscutível Vepes e D. Rodrigo, Primás de Braga.

Para estes, e à face de argumentos, Gládila era «monge beneditino».

E a questão fulminou-se nisto:

—Autor Agostiniano—«Isso não tem fundamento algum nem eu lho reconheço»:

—Autor Beneditino—«Quer mostrar-lhe que com mais razão se pode aplicar essas palavras a quem faz do Arcebispo Gládila um eremita agostinho».

O insigne Vepes vai buscar um testemunho do próprio Gládila. É um escrito que se encontrava na Sé de Oviedo

no qual o próprio Gládila conta de sucessos da sua vida. Afirma-se religioso do Mosteiro das Astúrias, na povoação de Muros, bispado de Oviedo, conhecido por Mosteiro de S. Pedro de Trubia. Conta da doação de toda a sua fazenda e bens em favor desse Mosteiro, «não tendo deves com seus parentes». Relata que os religiosos do Mosteiro

(Continua na 5.ª página)